

# JORNAL DOS CEGOS

REVISTA DE TYPHLOLOGIA

<p><b>REDACÇÃO</b> Livraria Catholica Rocio — Lisboa</p>	<p><b>DIRECTOR</b> <b>BRANCO RODRIGUES</b></p>	<p><b>PREÇO DO VOLUME</b> Um anno — 12 numeros <b>500 réis</b></p>
--	--	--

## MUSICOGRAPHIA DO «NEW-YORK SYSTEM» OU MUSICOGRAPHIA WAITT <sup>1</sup>

Os 1.º, 8.º, 16.º e 25.º estudos foram escolhidos, porque se encontram em diferentes partes da obra e porque as conclusões tiradas de seu exame podem ser applicadas aos restantes sem ter o trabalho consideravel de uma revista completa da obra.

Eis aqui os resultados obtidos:

Extensão das linhas occupadas <sup>2</sup>			
		Waitt	Braille
Estudo n.º	1 .....	248	155 1/2
»	8 .....	283 1/2	179 1/4
»	16 .....	345 1/4	191 3/4
»	25 .....	576 3/4	306
		<u>1:453 1/2</u>	<u>832 1/2</u>

Diferença 621.

«O Waitt occupa 74,5 por cento de espaço a mais do que o Braille, o que significa, pelo menos, 74,5 por cento de tempo a mais empregado para a leitura».

<sup>1</sup> Concluido do n.º 5.

<sup>2</sup> Em polegadas americanas, que valem aproximadamente 0<sup>m</sup>,02 cada uma.

		Numero de pontos	
		Waitt	Braille
N.º	1 .....	1:619	1:370
N.º	8 .....	1:921	1:693
N.º	16 .....	2:216	1:803
N.º	25 .....	3:936	2:903
		<u>9:692</u>	<u>7:769</u>

Diferença 1:923.

«O Waitt emprega 24,7 por cento a mais».

Superfície ocupada (pollegadas quadradas)

		Waitt	Braille
N.º	1 .....	84 $\frac{7}{32}$	75
N.º	8 .....	98 $\frac{21}{32}$	89 $\frac{1}{16}$
N.º	16 .....	115 $\frac{1}{2}$	83 $\frac{13}{64}$
N.º	25 .....	196 $\frac{7}{64}$	131 $\frac{1}{4}$
		<u>494 <math>\frac{31}{64}</math></u>	<u>378 <math>\frac{33}{64}</math></u>

Diferença 116.

«O Waitt exige 30,6 por cento de superfície a mais».

Mais adiante os autores apontam:

«Não querendo basear a nossa these num exame pouco profundo, e para determinar o grau de perfeição, contámos o numero de pontos necesarios para representar os exemplos da notação musical de Waitt escritos precedentemente».

Numero de pontos nos 65 exemplos de Waitt ..	5:398
Os mesmos em Braille .....	4:102
Diferença .....	<u>1:296</u>

«O Waitt exige 31,5 por cento a mais».

Numero de pontos nos 22 exemplos de harmonia

Em Waitt .....	801
Em Braille .....	377
Diferença .....	<u>424</u>

«Em resposta ao pedido de especimes mais recentes de musica impressa em Waitt, enviaram-nos a *sonata em fá* de Mozart, n.º 6, edição Cotta (que só tem dois movimentos ou partes), e uma *valsa em fá*, op. 34, n.º 3, de Chopin.

Oito medidas de cada parte da sonata, para cada mão, foram comparadas com as mesmas em Braille, depois, mais tarde, dezaseis medidas da valsa.

Eis aqui os resultados:

Sonata de Mozart

Numero total dos pontos no fim das oito medidas:

	Waitt	Braille
Na 1. <sup>a</sup> parte . . . . .	786	625
Na 2. <sup>a</sup> parte . . . . .	1:025	718
	<u>1:811</u>	<u>1:343</u>

Diferença 468.

«O Waitt exige 34,9 por cento a mais».

Valsa de Chopin

Numero total dos pontos no fim da 16.<sup>a</sup> medida:

No Waitt . . . . .	719
O mesmo em Braille . . . . .	480
Diferença . . . . .	<u>239</u>

«O Waitt exige 49,7 por cento a mais».

V

Ultimamente escreviam nos da America:

«Ha uma grande reacção nos Estados-Unidos e um interesse sempre crescente entre os cegos inteligentes para adoptar a musicographia Braille».

Este movimento é igualmente indicado pela publicação do estudo de M. M. Reeves e Elmer S. Holmer, do qual extrahimos as interessantes comparações que acabamos de inserir.

Logo que se estuda de perto a musicographia Waitt, comprehende-se facilmente que os cegos musicos saídos do Instituto de New-York e de

alguns institutos em que este systema é empregado, se elles exercem verdadeiramente a profissão de organistas e de professores de musica, adoptam o Braille logo que o podem experimentar.

E uma vez saídos da escola, não ha a temer nunca que um cego que conhece o Braille, o abandone, para se servir unicamente de outro qualquer processo, seja elle qual for.

Ao passo que em outras escolas, agora raras, onde, por vontade e autoridade da direcção, fazem praticar aos cegos, *como base de ensino*, um outro alfabeto differente do Braille, são obrigados a occultar-lhes a existencia do Braille ou de lhes prohibir rigorosamente que façam uso delle, sem o que não se pode obter que elles leiam e escrevam pelo meio do systema inventado ou escolhido arbitrariamente pela direcção da escola.

Isto é bem significativo e, uma vez saídos do estabelecimento, os cegos que, pelo exercicio da sua profissão, pela satisfação de seus prazeres intellectuaes, continuam a ler e a escrever, apressam-se a aprender o Braille, porque o acham sem comparação mais facil e pratico.

E, com effeito, o Braille adapta-se maravilhosamente ás aptidões do tacto do cego, e serve admiravelmente para as suas necessidades.

Qual é, pois, o outro systema com que se pode chegar a escrever 79 letras por minuto, e a ler mais de 1:000, e isto com facilidade e segurança?

Qual é o organista cego que pode, com uma outra musicographia a não ser a de Braille, ler com a mão esquerda uma peça de cantochão absolutamente desconhecida para elle, e executá-la com a mão direita e com o pedal?

Sem o Braille qual é o professor cego que pode fazer decifrar a um discipulo com vista, uma peça de Chopin, de Schuman, etc., que elle não conhece, e corrigir os erros que faz o discipulo, decifrando-a?

Sem o Braille quaes são os coristas cegos que poderão *á primeira leitura* cantar um côro num movimento um pouco rapido?

Talvez chegue ainda um dia em que se descubra um systema ainda melhor: é difficil, mas, em summa nunca se deve dizer que se attingiu o ultimo termo do progresso.

Daqui até lá, e enquanto os systemas apresentados aos cegos não lhes permittem fazer o que fazem com o Braille, para elles não é rotina seguir este systema, mas sim sabedoria conservar o processo que lhes offerece vantagens manifestas.

## A GRANDE UTILIDADE PARA OS CEGOS DAS LIÇÕES DE COUSAS

Hirzel, antigo director do Asylo dos Cegos de Lausanne, dizia, acêrca de cincoenta annos: «Lemos muitas cousas aos nossos discipulos, e não lhes mostramos objectos bastantes».

Esta confissão poderia datar de hoje, pelo menos, para a grande maioria das escolas francesas.

Não sei se lemos demasiadamente aos cegos, porque por muito que tenha lido ou tenha ouvido ler durante cincoenta mil horas, durante trinta annos, sinto pela minha parte que tenho lido pouco e pouco tenho ouvido ler. Eu mesmo não faço ideia aproximada de muitos objectos, por os não ter apalpado, ou seja por não ter tido occasião de os apalpar na minha infancia, durante a qual todavia, por conselho de Dufau, a minha familia me fazia apalpar tantas plantas, tantos animaes, tantos tecidos! ou seja porque tenha faltado a occasião de possuir estes objectos ao meu alcance no decorrer da minha vida; ou seja porque os regulamentos dos museus os tenham subtrahido á minha investigação.

Depois de vinte e cinco annos de professorado, ha ainda um grande numero de cousas que apenas conheço como vagas abstracções.

Durante a minha vida escolar não exercitei os meus dedos a conhecer as formas, porque o methodo intuitivo era muito desprezado pelo Instituto dos Cegos de Paris, não porque fosse desconhecido, visto que Valentim Haüy mandou fazer em 1786 moldes em cera para os seus discipulos, e o Director Pignier fazia examinar aos seus discipulos especimes de historia natural.

A ausencia de estudos geographicos sufficientemente concretos tinham-me levado a imaginar que a Australia estava ao sul do Atlantico e ao oeste de Africa; no entanto havia um magnifico globo no Instituto, que custou 6:000 francos em 1835.

Durante muito tempo ignorei a orientação de Paris, apesar de andar só por um grande numero de ruas; as minhas imagens eram erroneas com referencia á orientação, e não á topographia; foi preciso, para rectifica-las, que eu tratasse de mandar traçar planos da cidade de diferentes tamanhos; não foi sem grande esforço que pôde substituir as minhas falsas imagens, nascidas do habito, por imagens exactas.

Se bem que conhecesse todos os recantos de uma propriedade familiar na qual fui educado, concebi o delineamento geral de uma maneira imperfeita antes de ter contribuído para a sua agrimensura no mês de agosto ultimo.

Quanto tempo me foi preciso para rectificar uma a uma as imagens concebidas por uma imaginação insufficientemente guiada! Ainda hoje as palavras de estilo ogival, estilo romano e estilo grego não representam no meu cerebro nenhuma ideia distincta.

Todavia, poderiam ter-me ensinado o sentido destas palavras sem grande esforço durante a minha mocidade.

Os meus dedos não sentem a belleza plastica das esculturas como os de Vidal, e lamento não ter sido iniciado neste gozo artistico visto que os cegos não teem muitos desses gozos para puderem desprezar um só.

Teria certamente um conhecimento mais exacto da estrutura interna do corpo humano, se no curso das lições de zoologia que recebi, me tivessem feito compor um esqueleto artificial como se faz no Real Collegio Normal de Londres.

Apesar das minuciosas explicações do meu professor de physica, uma machina a vapor não era para mim senão um composto de orgãos confusos, até que chegou o dia, muito recentemente, em que um amigo me obrigou a estudar uma redução.

Apesar do meu desejo insaciavel e ininterrupto de aprender, de saber, de me aperfeiçoar, ha um certo numero de aparelhos dos quaes não tenho senão uma ideia vaga, porque a imagem delles nunca foi bem precisa no meu cerebro.

M. Huntz, director da escola de Illzach, diz com justiça: «As boas imagens em relevo e em numero sufficiente, facilitam e animam as lições em quasi todos os ramos de ensino; tornam possivel a comprehensão immediata de innumeraveis objectos, dos quaes nos havemos de occupar e são o complemento necessario de todos os meios de percepção para o tacto».

Nós, franceses, nessa materia temos muito que aprender dos paises germanicos, para desenvolver esta base de instrucção, na medida, bem entendido, do nosso temperamento nacional.

Os cegos instruidos fariam bem em confessar, sem falsa vergonha, as lacunas da sua educação e dar-lhe os remedios que as circunstancias, quer

no campo, quer na cidade, põem ao seu alcance, dirigindo-se às pessoas com vista e illustradas geralmente complacentes, para os ajudar nesta tarefa tão longa, quanto minuciosa.

Que apalpem o que lhes ficar ao alcance da mão; plantas, moveis, esculturas, animaes, tudô finalmente o que lhes seja possível.

Que escalem os rochedos á beiramar, ou os cumes dos rochedos nos paes montanhosos, para conhecerem as asperezas do solo.

Que utilizem os perfumes, as ondas sonoras, a posição do sol, para saber onde estão, de onde vem, e para onde vão, quando atravessarem uma localidade qualquer.

Que façam traçar em occasião opportuna, por amigos ou mesmo por crianças, mappas rudimentares, como eu fiz quando visitei a ilha de Oléron, a peninsula de Quiberon, o valle de Huelgoat; toda a criança com vista pode traçar esses mappas em alguns minutos; assim o affirmava em 1866, o Dr. Blanchet, no seu *Manual para o ensino dos cegos*.

Os directores das escolas devem occupar-se não só das necessidades intellectuaes do cego, mas tambem das necessidades moraes.

Cada um delles deve organizar na sua escola um museu utilizavel e utilizado.

Os professores cegos devem analysar-se para adivinharem as tendencias, os desejos, as necessidades dos seus discipulos, e estudar sendo preciso a fim de lhes ensinar o que elles não aprenderam.

Não é necessario adquirir objectos luxuosos para a instrucção intuitiva, mas é preciso sobretudo muito boa vontade da parte dos professores.

Grãos, flores, cascas, fazendas, moedas, reduções de animaes, brinquedos de crianças, mappas simples de geographia, são de mais utilidade do que objectos de grande valor que estão em alguns museus escolares.

Mademoiselle Tuffreau, professora do Instituto Nacional de Paris, aumenta, de anno para anno, o pequeno museu da sua classe pelos seus proprios discipulos, que se sentem felizes e orgulhosos de contribuir para elle com uma pedra, com um ninho, com flores ou com frutos.

Não foi preciso mais de um anno a M. Cauvy para conseguir algumas centenas de objectos para a util collecção da escola de Montpellier: amigos do estabelecimento deram passaros embalsamados na attitudo de voar, ou andar; typhlophilos enviaram frutos exóticos ou aparelhos de physica; a municipalidade da cidade contribuiu com 1:000 francos que se empregaram

em aquisições praticas. «Pelo tacto, disse com razão M. Cauvy, as ideias dos cegos deixam de ser abstracções, tomam corpo».

Nas escolas infantis, os simples brinquedos, depois os brinquedos que se decompõem devem ter um lugar preponderante. «Estas miniaturas de cousas ou de seres vivos, como diz o Dr. Comby, produzem, na idade em que as abstracções e as ideias geraes são mal comprehendidas, imagens e servem para a educação do tacto ou do ouvido, substituindo assim as lições didacticas com muita vantagem».

Nas classes de arithmetica é necessario fazer apalpar ameudadas vezes as medidas metricas. Assim se pratica na Escola Braille desde a sua fundação; todo o ensino da historia natural deve ser feito com o auxilio do tacto, apalpando animaes vivos ou embalsamados, imitações de orgãos do corpo humano, plantas e seus accessorios, mineraes e metaes.

Na classe de geometria é preciso fazer todo o possivel para dar a conhecer e reproduzir as figuras, a fim de dar ideias de precisão aos discipulos.

Para que a classe de physica produza todos os seus frutos, é necessario que os alumnos examinem os apparatus de que ouvem falar.

Nunca se deveria ensinar a geographia sem mappas ou globos de difficuldades variadas.

Utilizar os passeios, como fazem as irmãs da Escola Montpellier para «fazer apalpar» nos museus ou nos campos, é um precioso complemento para as classes; o ensino pela distracção é, talvez, o mais aproveitavel.

Não exijo que se eliminem as abstracções e as syntheses, pois são indispensaveis: peço somente que as acompanhem de analyses tacticas que são as lições preparatorias para todo o desenvolvimento intellectual.

Habituar as crianças a tirar partido de seus dedos e ouvidos, desenvolver os sentidos que, entre ellas, suprem a vista que não possuem, tal é a base da pedagogia especial dos cegos.

Tendo sentido pessoalmente a falta de muitos conhecimentos precisos, quizera poupar aos outros este soffrimento intellectual.

Que a geração nova possa estar mais bem armada do que a precedente para a luta da vida, e que possam os que nos succederem saber mais que nós, e sobretudo comprehender melhor as cousas do que nós.

E. GUILBEAU.

Professor do Instituto Nacional de Paris.